



A PAIXÃO

Nicole Jordan

Romance

Tradução
Ana Reis



PRIMEIRA PARTE

LAÇOS DE DESEJO



CAPÍTULO 1

*À primeira vista, parecia infinitamente perigoso, bárbaro até.
E, contudo, havia algo no seu olhar que me atraía...*

Índias Ocidentais Britânicas, fevereiro de 1813

A cena era pagã: o homem seminu amarrado com correntes, o seu musculoso torso bronzado pelo sol do Caribe. A sua silhueta, recortada contra os altos mastros do navio, mantinha-se desafiante, inquebrável.

Por um breve instante, Lady Aurora Demming sentiu o seu coração vacilar enquanto erguia o olhar para a amurada da fragata.

Bem poderia ter sido uma estátua esculpida por um mestre escultor, os músculos bem torneados de grande agilidade... só que ele era um homem de carne e osso e estava muito vivo. A luz do sol realçava os contornos bem delineados do seu corpo e dourava os seus cabelos louro-escuros.

Aquele tom de ouro fulvo era-lhe estranhamente familiar. No primeiro olhar, Aurora tinha estremecido com a recordação de um outro rosto perdido para sempre. Mas aquele homem impudente e quase nu era um desconhecido, e possuía uma masculinidade intensa que o tornava totalmente diferente do seu defunto noivo.

Usava apenas uns calções e, embora transportasse os grilhões de um prisioneiro, mantinha uma postura indomável e um olhar bravo e distante na direção do cais. Mesmo àquela distância, os seus olhos

pareciam brilhar de modo perigoso, dando a impressão de estar a conter uma raiva latente.

Como se sentisse o seu intenso olhar, o homem voltou-se lentamente e fixou-se nela, deixando-a totalmente fascinada. O bulício e a agitação do cais desvaneceram-se. Por um momento fugaz, o tempo deteve-se e só existiam eles os dois.

A intensidade do olhar dele paralisou-a, contudo Aurora sentiu-se estremecer e, de repente, o coração começou a bater-lhe no peito a um ritmo doloroso, quase selvagem.

– Aurora?

A voz do seu primo Percy sobressaltou-a e fê-la recordar-se do lugar onde se encontrava. Estava no cais do porto de Basseterre, em St. Kitts, diante dos escritórios do agente marítimo, com o sol cáldo do Caribe a incidir sobre ela. Os odores penetrantes a peixe e a alcatrão impregnavam o ar salgado junto com os gritos estridentes das gaivotas. Para lá do cais buliçoso estendiam-se as águas azul-esverdeadas e brilhantes do oceano, enquanto à distância se vislumbrava a exuberante ilha montanhosa de Nevis.

O primo seguiu a direção do seu olhar até ao prisioneiro da fragata naval.

– O que te mantém tão fascinada?

– Aquele homem... – murmurou. – Por um momento fez-me lembrar Geoffrey.

Percy semicerrou os olhos num esforço para ver para lá do cais.

– Como é que consegues discerni-lo a esta distância? – Franziu o sobrolho. – A cor do cabelo talvez seja similar, mas qualquer outra semelhança deve ser superficial. Não consigo imaginar o defunto conde de March como um condenado, e tu?

– Suponho que não.

Todavia, não conseguia afastar os olhos do prisioneiro de cabelos louros. E, ao que parecia, ele também não conseguia afastar os olhos dela. Ainda continuava a observá-la enquanto se encontrava de pé no topo da prancha de desembarque, pronto para sair. Tinha as mãos

agrilhoadas e estava guardado por dois marinheiros armados e de constituição robusta da Marinha Britânica, todavia, não deu pela presença dos seus captores até um deles puxar violentamente pela corrente que lhe unia os pulsos.

A dor ou a fúria fizeram-no cerrar os punhos, mas não ofereceu nenhum outro sinal de resistência enquanto era conduzido à zona dos mosquetes, no final da prancha de desembarque.

Uma vez mais, Aurora ouviu alguém chamar pelo seu nome, desta vez com mais firmeza.

O primo tocou-lhe no braço com um olhar repleto de simpatia.

– Geoffrey partiu, Aurora. Não te fará nenhum bem continuar a cismar na sua perda. E a tua dor só pode ser prejudicial para o teu próximo matrimónio. Estou certo de que o teu futuro esposo não apreciará que estejas de luto por outro homem. Pelo teu próprio bem, deves aprender a reprimir os teus sentimentos.

Sentia vergonha de admitir que não era exatamente na sua perda nem no matrimónio não desejado a que o seu pai estava a obrigá-la que estava a pensar, mas assentiu para tranquilizar o primo. Não fazia sentido demonstrar interesse por um desconhecido seminu. Ainda para mais um criminoso. Alguém que evidentemente tinha cometido algum crime execrável para merecer um castigo tão brutal.

Com um ligeiro estremecimento, Aurora obrigou-se a desviar a atenção. A primitiva exibição não era espetáculo para uma senhora, muito menos para a filha de um duque. Raramente tinha visto tanta carne masculina nua. Não havia dúvida de que nunca se havia sentido tão perturbada por um homem como há momentos, quando o olhar dele se cruzara com o dela.

Reprendendo-se a si mesma, voltou-se para permitir que o primo a conduzisse à carruagem aberta. Tinha vindo com Percy ao cais para confirmar a sua passagem para Inglaterra. Devido ao conflito com a América e à ameaça de pirataria havia poucos navios a saírem das Índias Ocidentais. De acordo com a programação, o próximo navio

de passageiros devia partir da ilha de St. Kitts daí a três dias e estava apenas a aguardar uma escolta militar.

Temia regressar a casa, e retardara-o durante tanto tempo quanto se havia atrevido, muitos meses mais do que o originalmente previsto, utilizando a desculpa de que era perigoso viajar em plena guerra. Mas o pai tinha-se mostrado inflexível e havia-lhe exigido que se apresentasse de imediato a fim de preparar a boda com o nobre que tinha escolhido para ela. Na sua última carta ameaçara-a dizendo-lhe que a iria buscar pessoalmente caso deixasse de honrar o acordo que tinha feito em seu nome.

Aurora tinha já um pé no degrau da carruagem quando um tumulto no cais a fez deter-se. O prisioneiro tinha atingido o fim da prancha de desembarque, e estava a ser obrigado a subir para um vagão, uma tarefa que era, obviamente, difícil devido às correntes.

Ao verem que se movia com demasiada lentidão, os guardas aplicaram-lhe um empurrão brutal que o fez tropeçar e quase cair de joelhos. Para o impedir, o homem segurou-se à porta traseira do vagão, endireitando-se e fitando o guarda com um olhar desdenhoso.

A sua fria insolência pareceu enfurecer os seus carrascos porque recebeu um golpe nas costelas com a culatra de um mosquete que o fez dobrar-se de dor.

O grito de protesto que Aurora estava prestes a soltar perante o cruel ataque morreu-lhe na garganta quando o prisioneiro agitou as suas correntes na direção do guarda. Era um gesto inútil de desafio, pois ele estava amarrado de uma forma demasiado firme para conseguir causar algum dano real, mas, aparentemente, a sua rebelião era a desculpa que os guardas pretendiam.

Ambos os marinheiros o atacaram com a culatra dos seus mosquetes fazendo-o cair sobre as pedras da calçada com gritos de «cão desprezível» e «escória bastarda!».

Aurora retrocedeu horrorizada ao ver alguém a ser tratado com tanta crueldade e sem misericórdia.

– Por amor de Deus...! – murmurou com uma voz rouca. – Percy, fá-los parar!

– É assunto da Marinha – respondeu o primo num tom sombrio, falando como tenente-governador de St. Kitts. – Não tenho justificação para intervir.

– Meu Deus, vão matá-lo à pancada!

E, sem aguardar resposta, recolheu a saia e correu em direção ao tumulto.

– Aurora!

Escutou Percy a praguejar entre dentes, mas não abrandou nem se deteve para refletir no perigo ou na loucura de intervir na violenta disputa.

No dispunha de nenhuma arma e não tinha um plano definido para além de tentar um resgate, mas quando chegou junto dos guardas lançou a sua bolsa contra o atacante mais próximo e conseguiu acertar-lhe num lado da cara.

– Que diabo...?

Quando o surpreendido marinheiro se deteve perante o ataque inesperado, Aurora largou a bolsa e abriu caminho entre o prisioneiro caído e os seus assaltantes. Dissimulando o seu próprio temor, ajoelhou-se cobrindo parcialmente o homem quase inconsciente com o seu próprio corpo para o proteger de ser novamente atingido.

O guarda praguejou de um modo vulgar.

Com uma fúria gélida, Aurora ergueu o queixo e olhou-o fixamente, desafiando-o silenciosamente a atingi-la.

– Minha senhora, este não é assunto para si – declarou irritado. – Este homem é um pirata violento.

– E o senhor deve dirigir-se a mim como *milady* – respondeu ela num tom de voz que, normalmente era sereno, mas que agora era quase feroz, enquanto sublinhava a importância da sua posição social. – O meu pai é o duque de Eversley e conta entre os seus amigos mais chegados com o príncipe regente e o lorde primeiro-almirante.

Aurora reparou que o marinheiro avaliava o seu aspeto e as suas roupas; a sua elegante touca de seda e o traje de passeio eram no tom de cinzento de meio luto, apenas com o toque de lilás na guarnição das lapelas da casaca para aliviar a severidade.

– E este cavalheiro – acrescentou enquanto Percy chegava apressadamente ao seu lado –, é o meu primo, sir Percy Osborne, que por acaso é o tenente-governador de Nevis e St. Kitts. Eu pensaria duas vezes antes de o desafiar.

Percy cerrou o maxilar com força perante esta declaração e murmurou em desaprovação:

– Aurora, isto é muito impróprio. Estás a provocar um espetáculo.

– Seria mais impróprio ficar sem fazer nada enquanto estes cobardes assassinam um homem desarmado.

Ignorando o olhar furioso do guarda, observou o prisioneiro ferido. Tinha os olhos fechados, mas parecia estar consciente, porque apertava o maxilar devido à dor. Ainda parecia meio selvagem. A pele reluzia com o brilho do suor e do sangue e tinha o queixo coberto por uma barba incipiente e escura.

A cabeça parecia ter sofrido os danos maiores. Não só sangrava profusamente da têmpora, como os seus cabelos dourados pelo sol, de um dourado muito mais escuro que o dela, estavam emaranhados e negros de sangue seco, evidentemente de uma ferida anterior.

Aurora sentiu-se tensa quando o seu olhar desceu pelo corpo dele, contudo, ainda assim, sentiu acelerarem-se as batidas do seu coração. A manifesta masculinidade que a havia desconcertado à distância era ainda mais evidente de perto, a dureza do corpo do homem, inconfundível. O peito e os ombros bronzeados estavam cobertos de músculos, enquanto os calções de lona cingiam as suas coxas musculadas.

Foi então que ele abriu os olhos e os fixou nela. O seu olhar era escuro da cor do café, salpicado de âmbar. Aquele olhar fixo produziu a mesma sensação surpreendente que Aurora havia experimentado

antes: a de estar totalmente sozinha com ele, juntamente com uma intensa consciência da sua feminilidade.

Quase tão estranhos eram os delicados sentimentos de proteção que as suas feridas lhe despertavam. Aurora enxugou-lhe suavemente o sangue que tinha na fronte.

Com as correntes a tilintar, ele segurou-a pelo pulso.

– Não o faça – murmurou com voz rouca. – Fique fora disto... sairá prejudicada.

A pele ardia-lhe onde os dedos dele lhe haviam tocado, mas procurou ignorar aquela sensação, da mesma forma que tencionava não fazer caso do pedido dele. Naquele momento, estava menos preocupada em proteger-se a si mesma do que em salvar-lhe a vida.

– Não espera que eu fique a assistir enquanto o assassinam, pois não?

O sorriso de sofrimento que ele esboçou foi fugaz, enquanto lhe soltava o pulso e se esforçava por se apoiar nos cotovelos. Uma tontura momentânea fê-lo fechar os olhos.

– Necessita de um médico – proferiu Aurora alarmada.

– Não... Tenho a cabeça dura.

– Pelos vistos, não o suficiente.

Tinha-se esquecido de que não estavam sozinhos até que o primo se inclinou sobre o seu ombro e proferiu uma exclamação consternada.

– Santo Deus...! Sabine!

– Conhece-lo? – perguntou Aurora.

– De facto, conheço. Possui metade dos barcos mercantes do Caribe. É americano... Que diabo estás aqui a fazer, Nick?

O homem fez uma careta de dor.

– Receio ter tido um encontro desafortunado com a Marinha Britânica.

Quando o primo se voltou para os guardas e lhes pediu uma explicação, Aurora apercebeu-se de que a sua maneira de falar era muito mais suave e delicada, quase de adulação, em contraste com os seus próprios sons entrecortados.

– Que significa isto? Porque está este homem acorrentado?

Os homens livraram-se de responder quando o seu comandante se reuniu a eles. Aurora recordou-se de ter conhecido o capitão Richard Gerrod nalgum ato social do governo, há cerca de uma ou duas semanas.

– Eu posso responder a isso, excelência – disse Gerrod friamente.

– Está acorrentado porque é um prisioneiro de guerra, condenado a ser enforcado por pirataria e assassinato.

– Assassinato, capitão? Isso é francamente absurdo. Deve ter ouvido falar de Nicholas Sabine – insistiu Percy, pronunciando o nome à maneira americana. – Nestes lugares é um herói, não um assassino. É evidente que deve ter confundido a sua identidade.

– Garanto-lhe que não me enganei em nada. Foi reconhecido por um dos meus oficiais em Montserrat, onde foi temerário e arrogante o suficiente para visitar uma mulher a meio de uma guerra. Não há dúvida de que se trata do famoso pirata capitão Sabre. Não só capturou pelo menos dois navios mercantes britânicos desde que a guerra começou, como afundou o navio de guerra britânico *Barton* precisamente no mês passado.

– É do meu conhecimento que a tripulação do *Barton* foi salva de se afogar pelo mesmo pirata, e depositada na ilha mais próxima – disse Percy.

– Sim, mas faleceu um marinheiro nessa batalha, e muitos outros ficaram feridos. E Sabine quase matou ontem um membro da minha tripulação quando resistia à prisão. Cometeu realmente atos de guerra contra a coroa, sir Percy. Atos punidos com a morte.

Percy voltou-se para o homem caído.

– Isto é verdade, Sabine? És um pirata?

O meio sorriso de Sabine continha uma ira fria.

– Na América usamos o termo corsário, e nunca renunciámos ao direito de protegermos os nossos próprios navios. O *Barton* estava a atacar um dos meus navios mercantes e por isso intervim. Quanto

ao facto de ter capturado os vossos navios, considere-o como um intercâmbio justo pela perda de um dos meus.

Aurora não estava tão horrorizada como talvez devesse perante a acusação de pirataria. Com os dois países em guerra, a Inglaterra considerava culpado qualquer navio armado americano. E Sabine teria certamente direito a defender os seus próprios navios. Sabia que o seu primo estaria de acordo. Embora tais ideias políticas fossem desleais com a coroa, Percy considerava a guerra um erro, e a Inglaterra a principal culpada por instigá-la. Todavia, a acusação de assassinato inquietava-a bastante...

– Pirata ou não... – disse Percy ao capitão, obviamente preocupado – haverá consequências por tomar este homem como prisioneiro. Por acaso sabe que o senhor Sabine tem ligações com a coroa, incluindo vários governadores de ilhas e o comandante da frota caribenha?

O capitão franziu o sobrolho.

– As relações que ele tem são tudo o que me impede de o enforcar imediatamente. Embora duvide que o salvem. Quando o almirante Foley souber dos seus crimes, estou certo de que dará a ordem de execução.

Depois, o capitão Gerrod olhou para Aurora e acrescentou:

– *Milady*, será melhor que se mantenha afastada dele. É um homem perigoso.

Ela acreditava que o americano fosse de facto perigoso, mas aquilo não justificava a perversa brutalidade dos seus guardas.

– Oh, realmente! – respondeu com desdém, erguendo-se para enfrentar o capitão cara a cara. – Tão perigoso que a sua tripulação deve espancá-lo até ele ficar sem sentidos, ainda que esteja amarrado como um peru de Natal. Temo seriamente pela minha vida.

Gerrod apertou os lábios furioso, mas Percy interveio rapidamente.

– O que pretende fazer com ele, capitão?

– Será entregue ao comandante da guarnição e encarcerado na fortaleza até ser executado.

Aurora sentiu um aperto no coração ao pensar que aquele homem tão vigoroso ia perder a vida.

– Percy... – implorou, olhando-o fixamente.

– Agradecia-lhe que não interferisse no cumprimento do meu dever, excelência – disse sombriamente Gerrod. – Poe-te de pé, pirata!

Sabine apertou os lábios evidenciando o seu ódio latente pelo capitão no fogo abrasador dos seus olhos escuros. Mas a sua fúria permaneceu tensamente controlada enquanto se esforçava por se ajoelhar.

Aurora ajudou-o a levantar-se, oferecendo-lhe apoio quando cambaleava, e sentiu o pulso acelerar quando ele encostou momentaneamente o seu corpo forte contra o dela. Mesmo ferido e ensanguentado, a sua perturbadora masculinidade afetava-a.

O primo deve ter reparado no quão imprópria era a situação porque lhe pegou suavemente no braço e afastou-a para o lado.

– Vem, querida – disse-lhe.

Obviamente tenso de dor, Sabine moveu-se em direção ao vagão. Aurora estremeceu ao ver as lacerações sangrentas que lhe sulcavam os ombros largos e as costas musculosas, e de novo quando um dos guardas corpulentos lhe pegou rudemente pelo braço e o apressou a entrar no vagão.

Aurora, impotente, mordeu o lábio para evitar proferir um grito de protesto.

O capitão Gerrod dirigiu-lhe um olhar severo enquanto ambos os guardas subiam para o veículo atrás do prisioneiro, mas dirigiu-se ao primo:

– Não tinha planeado escoltar o prisioneiro até à fortaleza... Devia estar a preparar a minha fragata para partir em direção à costa americana para me juntar ao bloqueio naval, mas vejo que terei de assegurar-me de que as minhas ordens são executadas à letra.